Ciência e objetividade: Contribuições de Hilton Japiassu na conformação do objeto das pesquisas científicas em ciências sociais

Science and objectivity: Hilton Japiassu's contributions in shaping the object of scientific research in the social sciences

Ciencia y objetividad: las contribuciones de Hilton Japiassu en la conformación del objeto de la investigación científica en las ciencias sociales

RESUMO: O presente trabalho busca apesentar, a partir da perspectiva de Hilton Japiassu, uma crítica ao relativismo, evidenciando o impacto desagregador e desconstrutor que este tipo de pensamento teve no desenvolvimento das ciências, sendo, efetivamente o responsável por aquilo que Japiassu denominou de “morte das ciências humanas”. O trabalho apresenta um quadro descritivo, sintético e analítico do relativismo na atualidade, analisa de forma breve suas consequências a partir da perspectiva do pensamento de Japiassu e Byung-Chul Han e busca apontar caminhos para superação dos problemas que este tipo de posição filosófica e epistemológica tem causado nas ciências em geral.
Palavras-chave: Racionalismo. Relativismo. Japiassu.

ABSTRACT: From the perspective of Hilton Japiassu, the present work seeks to present a critique of relativism, highlighting the disruptive and deconstructive impact that this type of thinking had on the development of the sciences, being effectively responsible for what Japiassu called "Death of the human sciences". The work presents a descriptive, synthetic and analytical framework of relativism today, briefly analyzes its consequences, from the perspective of the thinking of Japiassu and Byung-Chul Han, and seeks to point out ways to overcome the problems that this type of philosophical and epistemological position has caused in the sciences in general.
Key words: Rationalism. Relativism. Japiassu.

RESUMEN: Desde la perspectiva de Hilton Japiassu, este documento busca presentar una crítica del relativismo, destacando el impacto desintegrador y deconstructivo que este tipo de pensamiento tuvo en el desarrollo de las ciencias, siendo responsable de lo que Japiassu llamó "muerte de Ciencias Humanas". El

artículo presenta un marco descriptivo, sintético y analítico del relativismo actual, analiza brevemente sus consecuencias desde la perspectiva del pensamiento de Japiassu y Byung-Chul Han y busca señalar maneras de superar los problemas que este tipo de posición filosófica y epistemológica. Ha causado en las ciencias en general.

Palabras clave: Racionalismo. Relativismo. Japiassu.

Não é que eles não consigam ver a solução. É que eles não conseguem ver o problema.

(CHESTERTON, 2007)

Introdução

Sabemos que existe uma relação inegável entre a concepção epistemológica subjacente à forma de conhecimento que a educação abrange e valoriza e o currículo que dela emerge. Ou seja, a concepção epistemológica acaba por exercer influências sobre a maneira pela qual a educação é entendida e desenvolvida.

Neste sentido, a forma como concebemos a essência da identidade humana reflete, diretamente, a forma como concebemos o conhecimento, e estes, consequentemente, acabam por definir os modos subsequentes de educação que consideramos mais adequados para facilitar o desenvolvimento humano.

Se adotamos uma epistemologia racionalista do mundo, que é, resumidamente, a visão filosófica para a qual, a experiência baseada nos imputes dados pelos sentidos é insuficiente para que nossa razão possa atingir o conhecimento, implica em adotarmos um modelo de educação direcionado para o desenvolvimento da razão. Os racionalistas, afirmam ainda que, a razão é capaz de atingir a verdade absoluta, pois suas leis são regidas pelas mesmas leis que regem os objetos do conhecimento.

Por outro lado, se adotamos uma epistemologia empirista, que é, em resumo, a visão filosófica que afirma que todo conhecimento provém unicamente da experiência que pode ser captada pelos sentidos, a partir dos imputes do mundo externo, ou pela introspecção, a partir do mundo subjetivo, implica na adoção de modelos de educação mais instrumentalistas e orientados para uma pedagogia mais direcionada para práticas.

Ou seja, nossas escolhas epistemológicas irão definir os objetivos e as metas centrais da educação que, por sua vez definem o currículo e as abordagens pedagógicas mais eficazes e eficientes para se atingir essas metas e objetivos.

Podemos então afirmar, que existe uma relação complexa entre o estabelecimento de metas e objetivos educacionais (subjacentes a uma escolha epistemológica) e os direcionamentos delas decorrentes nas atividades práticas da sala de aula. Esta relação está diretamente vinculada a questões como a filosofia da aprendizagem, a definição de competências, a relação interpessoal entre professor e aluno e, em última análise, na concepção de indivíduo que se adotará na relação entre a escola e seus alunos.

Há uma questão fundamental subjacente a essa teia de relações: a forma epistemológica de conhecimento que a educação adota, abrange o currículo em sua totalidade e determina a maneira pela qual a educação é entendida e desenvolvida. É por isto que é fundamental que desde o início a escola e seus operadores devam de pronto, definir sua visão de mundo, a forma como entendem que o conhecimento é constituído e de como o indivíduo é tratado nesta relação, pois somente com o conhecimento prévio deste posicionamento, as famílias podem avaliar o papel da escola na constituição dos indivíduos e fazerem suas escolhas de forma consciente por uma ou outra escola onde irão colocar seus filhos.

É neste pano de fundo que fazemos uma leitura de Hilton Japiassu. Hilton Japiassu, em sua obra Nascimento e morte das ciências humanas (1982), traça um panorama histórico da evolução do pensamento e das práticas cientificas em torno dos problemas humanos. Neste livro, Japiassu defende a tese de que já no seu nascimento, as ciências trazem consigo um elemento perturbador que irá, mais adiante, ser a causa principal de seus problemas e a causa primária da morte das ciências humanas: a negação do homem.

No meu modo compreender, Japiassu, fez exatamente o que afirmou Chesterton no enunciado que fiz no preâmbulo deste texto: Ele não viu, até a publicação daquele texto, o problema. Defendo aqui uma tese diferente da que Japiassu aponta em seu texto. O que causou a morte das ciências humanas não foi a negação do homem, o que de fato nem chegou a ocorrer, mas, o RELATIVISMO, uma doença que corroeu a possibilidade de construção de bases sólidas que pudessem sustentar, unificar e dar sentido às ciências humanas.

Anos mais tarde, mais precisamente no ano 2000, Japiassu escreve outro livro: “Nem tudo é relativo: A Questão da verdade”. Neste livro, Japiassu retoma o problema do enfraquecimento e da perda de autoridade na qual as ciências humanas se encontravam e constrói uma narrativa que aponta que o relativismo é, exatamente, o grande problema a ser resolvido na filosofia moderna.

Não tenho elementos para afirmar que Japiassu tivesse concordado com minha tese inicial, já que ele não retoma ou mesmo faz uma reflexão acerca do livro anterior. Mas sua posição a respeito do papel que o Relativismo tem na desconstrução da ciência é, para mim, reveladora. Meu texto está organizado de forma a fazer uma breve exposição da tese inicial de Japiassu, evidenciando a trajetória de nascimento e morte das ciências humanas, procurando evidenciar que o problema do relativismo não parece ser uma preocupação do autor.

A seguir, aponto, tomando sempre como referência a segunda obra do mesmo autor, as principais características do Relativismo, sua influência esmagadora sobre as ciências humanas e o pensamento social moderno e por fim as evidências de seu papel na desconstrução do papel das ciências (todas) no mundo moderno. Busco ainda traçar um paralelo entre Japiassu e Byung-Chul Han, que tem se mostrado atualmente um dos críticos mais contundentes do relativismo, ainda que de forma indireta, procurando, a seguir, apontar um caminho para a resolução dos problemas apontados.

Ciências humanas: nascimento e morte segundo Hilton Japiassu

Japiassu (1982) inicialmente nos apresenta o ambiente histórico do nascimento das ciências modernas, principalmente no que se refere ao surgimento das ciências ditas exatas, como a física, a química e a matemática. O autor situa estas ciências em um panorama, que ele chama de “Pensamento Clássico” que fora inaugurado por Galileu Galilei e René Descartes no início do século 17. Neste cenário, a ciência moderna nasceu como parte de um movimento de combate contra a (pré)ciência anterior e contra os conceitos e as formas de pensamento que vigoravam naquela época.

Segundo o autor, a pré-ciência, ou melhor o conhecimento e o entendimento que os estudiosos daquela época tinham do mundo, se situavam no campo da “representação”, ou seja, partiam da ideia de que os conhecimentos obtidos através de seus estudos eram uma representação exata do mundo e do homem.

Neste ambiente, o grande artista (dentre os quais Leonardo da Vinci é o grande expoente), os eruditos, que se utilizam de grande retórica, são os grandes sábios a quem todos recorrem. Mas estes eruditos buscam uma erudição que não tem fundamentos científicos:

> Trata-se de uma época paupérrima em espírito crítico e impregnada de todos os tipos de superstições grosseiras. O homem renascentista vive afundado em suas crenças, na magia e nas feitiçarias. Estas proliferam muito mais nessa época do que na Idade Média. A astrologia é muito mais importante que a astronomia. Não é, pois, de se estranhar que as obras mais lidas sejam justamente as de demonologia e as de magia (JAPIASSU, 1982, p.24).

Como o pensamento desta época se viu dominado por este tipo de ambiente e por uma credibilidade sem limites nos poderes da magia e da religião, a ciência moderna acaba nascendo à margem do espírito renascentista.

A ciência moderna, instaurada principalmente por Galileu e Descartes vem se contrapor as ideias dominantes e rompe de vez com o sistema aristotélico de mundo que dominou por milhares de anos. Neste paradigma, a terra era o centro do universo, realidade mundana estava disponível dada aos sentidos humanos, que, entretanto, não tinha o domínio da natureza. O Cosmo é um sistema muito bem ordenado e dominado pela vontade divina. Para Japiassu (1982) somente com destruição deste sistema por inteiro (O corte epistemológico de Bachelard), seria possível se instaurar uma nova ciência.

Para fazer frente a estes conceitos Galileu coloca a terra em seu devido lugar: o Sol, passa a ser o centro de nosso sistema planetário, inaugurando assim o sistema Heliocêntrico, e, promove uma geometrização do espaço, desta forma o todo o sistema de representação do universo passa a ser um espaço racional, indiferenciado, homogêneo e abstrato. Ao introduzir estes conceitos, Galileu cria as bases para a construção de uma ciência racional e experimental. Neste sentido, a ciência moderna já nasce como uma concepção mecanicista, ou seja, ela pode ser analisada de forma metódica e sistemática e explicada através de leis gerais (a serem descobertas) de seu funcionamento.

Fazer ciências passa ser então, a aplicação de noções rígidas, exatas e precisas, através da linguagem matemática no estudo da realidade, “conhecer significa medir, experimentar provar e comprovar” (JAPIASSU, 1982, p.45). É neste ambiente de positividade que ocorre o nascimento das ciências humanas e, na busca de fundamentação e de seu lugar na história, estas ciências assumem então os mesmos pressupostos positivistas das ciências naturais.

A exigência da objetividade leva “necessariamente a descartar o caráter meramente acumulativo e continuísta do saber, bem como a fazer da ideia de progresso descontínuo a espinha dorsal de toda a cientificidade” (JAPIASSU, 1982, p. 145). Japiassu, neste ponto, dúvida de que “as ciências humanas, pelo menos no nível de suas teorias mais englobantes,

satisfazem o critério positivo de cientificidade" (JAPIASSU, 1982, p. 145), característicos das ciências naturais.

Esta dúvida se dá por conta de que as ciências humanas nem sempre conseguem cumprir os dois requisitos básicos de cientificidade impostos por aquelas ciências: às vezes são fortemente explicativas e não conseguem resistir aos critérios de falsificação, ora ocorre exatamente o contrário. Para se constituírem como ciências, as ciências humanas precisam, segundo Japiassu, de um Método e de um Objeto próprio, mas, ao se ajustarem aos critérios de positividades das ciências naturais, elas

> já pressupõem certa preferência exclusiva por determinados modos de pensar o homem como um conjunto de propriedades operacionais, ou por determinado tipo de filosofia parcial ou total, implícita ou explicita do homem (JAPIASSU, 1982, p. 146).

Ao realizarem estes ajustes, as ciências humanas passam a operar com uma tríplice função: ora como práticas técnicas, ora como práticas sociais e ora como práticas teóricas, não necessariamente de forma isolada ou excludente. Estas práticas buscam então, realizar uma análise descritiva do homem, uma metodologia característica dos estudos do universo físico e biológico.

Para Japiassu isto leva as ciências humanas a progressivamente irem promovendo uma coisificação do homem e, o comportamento individual ou social, passa a ser aferido quantitativamente, mediante o uso de tratamentos matemático-estatísticos convenientes. Isto, caracteriza nas ciências humanas, segundo Japiassu, um discurso sem fala e sem sujeito, o que para alguns autores, seria a própria declaração de "morte" do homem.

Particularmente não concordo com esta tese. No meu entender o que ocorre aqui é justamente o contrário. O Homem passa a ser tomado como padrão de medida. É ele, e dele, que se deve tomar como referência de todas as verdades: o homem é a medida de todas as coisas e a verdade de cada um deles é o que importa. Logo, não há aqui um assassinato, mas, um endeusamento do homem, uma exacerbação do papel do homem na construção da verdade. Se os fatos contrariam o interesse e a compreensão do homem, danem-se os fatos.

Ao se convertem em práticas, "o que realmente conta e interessa é a adequação dessas obras às necessidades ideológicas de um grupo social ou de uma sociedade em determinado momento" (JAPIASSU, 1982, p. 148). Neste sentido, as ciências humanas passam se

contagiar pelos determinantes ideológicos destes grupos sociais, recaindo assim nos mesmos esquemas que pretendia renunciar: a crítica à visão ideológica das visões pré-científicas que vieram combater.

“É na medida em que essa intervenção de interesses estranhos à busca de um pensamento verdadeiro se faz na construção da representação dos fatos e situações; é na medida em que tal intervenção se mascara com afetação do desinteresse e com a única preocupação com a verdade objetiva, que as ideias se convertem em ideologia representativas do pensamento de grupos sociais relativamente bem definidos” (JAPIASSU, 1982, p. 165). Por outro lado, a objetivação das ciências humanas em torno de práticas acaba por gerar uma pluralidade de discursos científicos tornando impossível uma síntese das ciências.

Esta pluralidade de discursos provoca um duplo deslocamento do papel do homem no processo de busca da verdade: ora ele se torna objeto da ciência, ora ele é sujeito da ciência, donde os numerosos problemas de como demarcar a fronteira que assegura a definição das ciências humanas. “Portanto, de modo meio paradoxal, podemos dizer que o traço distintivo das ciências humanas consiste justamente nessa confusão e nessa indecisão” (JAPIASSU, 1982, p. 168).

Aqui cabe novamente ressaltar a centralidade do homem tanto como objeto, pois não importa o que a natureza fala, mas a compreensão que o homem tem de sua fala, logo não importa estudar a natureza, mas o homem que a interpreta; tanto como sujeito, pois é ele que determina o que é verdade e define o que é importante e como se deve estudar.

É interessante notar neste ponto, que apesar de Japiassu destacar a conversão das ciências humanas em ideologias representativas do pensamento de grupos sociais relativamente bem definidos e ainda ressaltar essa confusão e essa indecisão, que são, exatamente, uma das características centrais das teses relativistas, até aqui, como em todo seu texto, Japiassu não dê nome aos bois. Ele constantemente ressalta questões (relativistas) como uma das pedras no caminho da constituição das ciências humanas, mas, até então ele não parece ter tomado consciência de que este é o problema central de toda sua obra. Japiassu, que na sua obra seguinte, se coloca claramente contra o relativismo nas ciências, vem justamente, a meu ver, corrigir este deslize.

A onda relativista

Japiassu (2000) procura nos mostrar que as posições relativistas assumem um papel demasiadamente importante na constituição das ciências humanas, alcançando inclusive um papel relevante na discussão de temas das próprias ciências naturais.

Para os relativistas, as teorias científicas são apenas construções baseadas em pressupostos arbitrários e um dos tipos de conhecimento possíveis, tão relevante quanto as paixões sociais ou as convicções religiosas. "A ciência não pode mais ser entendida como um conhecimento universalmente válido sobre o mundo natural, mas como um construto particular ou "étnico" da sociedade ocidental" (JAPIASSU, 2000, p. 23).

Autores como Moraes, chegam a afirmar que,

> se todos os conceitos, todas as teorias e descobertas têm um caráter limitado e são aproximadas, isto nos leva a concluir que não há certeza científica e que estamos sempre gerando novas teorias, a partir de novos insights que dependem da maneira como observamos o mundo (MORAES, 2004, p. 40).

Mas, contrariamente ao que afirmam autores relativistas, a ciência e suas aplicações produzem certezas insofismáveis, não só na física, mas em diversos campos do saber. As divergências (ou erros) encontrados entre o que prevê a teoria, e os resultados obtidos na prática, não são, em sua imensa maioria, capazes de abalar os alicerces de uma ciência fundada na objetividade. Milhares de exemplos poderiam ser citados para ilustrar esta afirmação, mas por economia, vou deixar de fazê-lo. Como bem o afirmam Sokal e Bricmont (2001, p. 66), "seria um milagre se a ciência nada dissesse de verdadeiro, ou pelo menos aproximadamente verdadeiro". Assim o relativismo

> assume que todas as opiniões se equivalem, cada um tem sua percepção das coisas, cada um possui seus valores, não podemos julgar os outros, cada um tem razão de pensar como pensa, ninguém tem o direito de ditar aos outros o que devem pensar e fazer, etc. (JAPIASSU, 2000, p. 24).

Acredito que talvez, para alguns, a defesa do relativismo seja uma tentativa desesperada de renegar a ciência, que desentronizou religião e a despojou dos poderes tirânicos que ela teve sobre o mundo e sobre os homens durante quase 2 mil anos, buscando desta forma, recuperar parte do poder que vem perdendo pouco a pouco em todo mundo. Não é à toa, que quase todos os Relativistas buscam nivelar, o conhecimento religioso ao conhecimento científico.

Merleau-Ponty (S.D, apud JAPIASSU, 2000, pag. 87) fala em "ampliar nossa razão para torná-la capaz de compreender aquilo que, em nós e nos outros, precede e excede a razão".

Barnes e Bloor (S.D., apud JAPIASSU, 2000, pag. 34) afirmam que “além de não haver razão universal, tampouco há a mínima possibilidade de distinguirmos pensamentos racionais e irracionais”. Caillé (1993, p. 200, apud JAPIASSU, 2000, pag. 45) afirma que, “a priori, todos os conhecimentos devem ser tratados nas condições da mais perfeita igualdade”. Lévi-Strauss, reivindica “para os sistemas de pensamento mágico, a validade de um saber verdadeiro que, do ponto de vista epistemológico, estaria bastante próximo do saber fornecido por nossas teorias científicas” (1962, s/p, apud JAPIASSU, 2000, pag. 91).

Bloor vai mais além ao afirmar que

> a totalidade da prática científica, inclusive a distinção entre verdade e erro, é da alçada da análise sociológica e que a adesão a uma teoria científica depende do mesmo tipo de explicação (psicológica, social, econômica, política, etc.) que qualquer crença (1976, s/p, apud JAPIASSU, 2000, pag. 42).

Durkheim (1970) ao afirmar a religião é a origem de todo pensamento humano e da sociedade está, na verdade, reafirmando que o Homem, a manifestação antropomórfica de deus no mundo, se impõem como a única alternativa para o pensamento e define os caminhos a serem trilhados pela ciência e pela sociedade. Empiricamente é fácil de ver as evidências desse predomínio do antropocentrismo e do espiritualismo sobre o pensamento e atos humanos e deslindar sem mistérios suas consequências.

Num contexto de busca do conhecimento, onde a religião delimita o que é verdade e o quais são os caminhos do conhecimento, a ciência não tem direito a nenhuma pretensão a uma verdade universal, porque, suas verdades têm tanto valor como qualquer outra forma de saber. Ao negar o Positivismo e ao mesmo tempo buscar uma expiação pelos males causados pelo colonialismo e os desmandos do capitalismo, os Relativistas acabam por anular qualquer pretensão científica no campo das ciências humanas.

Este sim é o motivo principal da “Morte das Ciências Humanas”. Ao igualar os conhecimentos da ciência aos conhecimentos do senso comum e da religião, e atribuir-lhes o mesmo valor de verdade, os relativistas se veem em uma encruzilhada: Negam qualquer valor de verdade aos conhecimentos de uma ciência positiva, fundada na razão, mas exigem para si, que suas teorias relativistas (racionalmente construídas) sejam aceitas sem restrições, pois elas cumpriram seu papel de restabelecer a verdade.

Como escreve Japiassu:

> Ao mesmo tempo que negam ao cientista qualquer privilégio à razão, à verdade, ao método e à eficácia, atribuem a si mesmos um suplemento de razão na explicação que fornecem da sociedade. Explicam a pluralidade das descrições da natureza, mas não põem em questão a da sociedade, como se apenas a natureza fosse incerta (JAPIASSU, 2000, p. 46).

Assim ao, "pretenderem ser os únicos em condições de falar validamente, não somente a respeito da sociedade, mas das outras ciências, os sociólogos ousam englobar as ciências como objeto de sua disciplina" (JAPIASSU, 2000, p. 47), buscam, desta forma, substituir uma racionalidade, por outra, que tem como princípio o combate a esta mesma lógica racional, "como se, em sua luta contra a hegemonia das ciências "duras", devessem impor seus modelos, sua lógica e sua racionalidade à atividade científica" (JAPIASSU, 2000, p. 47). Precisamos desde já, reafirmar que.

> "os progressos recentes da ciência conduzem novamente, apesar da forte oposição das correntes conservadoras, à reposição da causalidade e, por conseguinte à recuperação da existência de uma realidade física objetiva, independente do observador (CROCA, 2001, p. 11).

A realidade material do mundo é anterior à vida, que é, necessariamente, anterior ao pensamento. Decorre disto que não é o pensamento que determina o que é o real. O pensamento é uma decorrência, mesmo que indireta, dos fatos originários do mundo material. Assim, nos parece insustentável, que as ciências humanas possam se constituir como ciências com bases tão frágeis, logo, não é de se estranhar que Japiassu chegue à conclusão que elas morreram. Na verdade, deveria ter ido mais longe: Elas nem chegaram a se constituir como ciência, morreram após uma longa agonia no seu processo de gestação.

Para superar este problema, que se mostra incontornável se nos remetemos apenas aos postulados Relativistas, e, a fim de renascer das trevas onde se meteram, as ciências humanas devem, necessariamente, voltar ao berço que renegaram e, com humildade, buscar na objetividade das ciências da natureza um novo caminho de reconstrução. O próprio Japiassu, nos mostra que uma nova síntese é possível.

Modernidade, tecnologia e a exacerbação do relativismo

Conforme Byung-Chul Han (2018), vivemos hoje uma sociedade sem respeito. O respeito, segundo este autor, significa um olhar para trás, um olhar de volta para o outro, controlando nosso olhar curioso. A tecnologia, ao mesmo tempo que nos arrasta a todos de forma

inconsciente, transformou de modo profundo nosso comportamento, abrindo as portas para uma exacerbação do relativismo.

Hoje a tecnologia nos expõe de um modo quase pornográfico e todos podem - “we can” - propagar suas ideias, seus corpos, suas intimidades, seu cotidiano, de forma contínua e descompromissada. Temos hoje uma sociedade sem respeito, sem o phatos da distância, uma sociedade do escândalo (HAN, 2018, p. 11). Nenhuma privacidade é possível, pois a “imperiosa coação icônico-pornográfica a desfaz inteiramente” (HAN, 2018, p. 14).

Podemos hoje propagar nossas ideias anonimamente, seja elas quais forem, de uma forma atemporal, descarregando nossos pré-conceitos instantaneamente.

> A comunicação digital anônima que é fornecida pela mídia digital desconstrói enormemente o respeito. Ela é responsável pela cultura da indiscrição e da falta de respeito [que está] em disseminação (HAN, 2018, p. 14).

A cultura digital, ou mais propriamente a “revolução digital”, segundo Han, criou um novo tipo de massa, uma massa sem alma, sem uma diretriz organizadora que lhe possibilite uma unidade. Numa massa tradicional, os indivíduos se despersonalizam e se fundem no corpo da massa, e agem em uníssono: ela tem um lema, uma diretriz.

As massas atuais se comportam mais como um enxame digital, na qual “os indivíduos reunidos não desenvolvem nenhum Nós” (HAN, 2018, p. 27). Cada um dos indivíduos preserva sua identidade privada e trabalha exclusivamente para aumentar sua popularidade na rede, medida através de “likes”. Todos competem com todos, buscando a otimização de seu perfil, por atenção.

A comunicação digital atual provocou, desta forma,

> uma desintegração generalizada do comum, do comunitário. A solidariedade desaparece. A privatização avança até a alma. A erosão do comunitário torna-se um agir comunitário cada vez mais improvável (HAN, 2018, p. 33).

A sociedade atual é hoje considerada a sociedade da informação, mas, a

> informação é cumulativa e aditiva, enquanto a verdade é exclusiva e seletiva. Diferente da informação ela (a verdade) não produz nenhum monte. É que ela não é encontrada frequentemente (HAN, 2018, p. 75).

O discurso moderno, segundo Han é caracterizado por um vazio, uma dicotomia permanente entre verdade e mentira, o bem e o mal, ele é, de fato, translúcido, mas não é esclarecedor,

não há uma verdade sendo narrada, mas apenas uma narrativa numericamente calculada com o objetivo de se aumentar a popularidade do narrador. Não há o compromisso da proximidade, do olhar respeitoso do que está próximo. O narrador é anônimo, assim como são distantes e anônimos seus interlocutores.

O excesso de informação faz com que o pensamento definhe, corroendo a capacidade analítica do pensamento, tornando difícil a capacidade de se avaliar de forma precisa o que é essencial e o que não é essencial.

> Mais informações não levam, necessariamente a melhores decisões... Quanto mais informações é liberada, mais o mundo se torna abrangível, fantasmagórico. A partir de um certo ponto, a informação não é mais informativa, mas sim deformativa, e a comunicação não é mais comunicativa, mas sim cumulativa (HAN, 2018, p. 105-106).

É neste ambiente atual da comunicação midiática que o relativismo se exacerba, tomando dimensões impossíveis de serem previstas pelos seus primeiros defensores.

O panorama decorrente desta exacerbação da exposição pornográfica dos indivíduos cria as condições para o surgimento de uma sociedade assustadora e o quadro descrito por Han é desalentador. Não vou me enveredar por este caminho neste texto, recorro a Han, unicamente para evidenciar o fato de que o ambiente atual criou o terreno propício para que a onda relativista se tornasse efetivamente em um tsunami relativista.

Hoje qualquer indivíduo se acha no direito de propagar uma “verdade”. Ele assume por verdadeira toda e qualquer informação cujo número de “likes” dentre seus seguidores se mostra relevante (alguns autores falam que este número se torna relevante a partir do momento em que mais de 10% de seus seguidores curtem (likes) e fazem comentários em suas postagens).

Assim, as verdades relativas passam a ser validadas pelo seu grupo social virtual e tomam a dimensão de conhecimento, passam a ser ciência, já que segundo os relativistas, o que torna um conhecimento válido é justamente o reconhecimento que ele tem junto à sociedade. É justamente em uma sociedade movida por informação que o relativismo se torna mais perigoso e o combate a este dogma precisa ser permanente, mas, também muito mais difícil.

Racionalismo e relativismo: uma síntese é possível?

Conforme Japiassu, “não resta dúvida que a ciência positiva constitui o saber por excelência, o meio de acesso privilegiado ao conhecimento do mundo, pois seria o único que transcende o tempo dos historiadores” (JAPIASSU, 2000, p. 51). Buscando propor uma síntese alternativa, que supere as dificuldades postas pelo relativismo, Japiassu vai ao encontro das teses do Naturalismo:

> Ao invés de tratar a natureza como um objeto, podemos ir a seu encontro como um parceiro, numa interação possível. Podemos buscar uma natureza fraterna, em vez da natureza explorada (...) A alternativa proposta à técnica existente, isto é, o projeto da natureza como parceira, e não mais como objeto, remete à alternativa de uma outra estrutura de ação: remete à interação mediatizada pelos símbolos, por oposição à atividade racional relativamente a um fim (JAPIASSU, 2000, p. 88).

Do ponto de vista da cognição e da evolução humana não é possível apontar quais as vantagens evolutivas teriam qualquer indivíduo que desenvolvesse uma compreensão do mundo baseada exclusivamente na cultura, na ideologia ou qualquer outro aspecto subjetivo da realidade a sua volta. Ele provavelmente seria devorado pelo primeiro predador que passasse por perto e sua espécie provavelmente teria sido extinta.

A evolução nos dotou de um sofisticado sistema de busca e análise de padrões de comportamento tanto de sistemas físicos, quanto biológicos: o cérebro. E foi ele que nos possibilitou a construção de uma compreensão do mundo com um grau de certeza suficiente para realizarmos um ataque eficiente (do posto de vista da manutenção e expansão da espécie) à natureza. A busca pelo conhecimento e, em última instância, pela ciência, não é um empreendimento abstrato e dissociado da natureza humana, ela deriva da tendência natural que o cérebro tem de captar padrões e identificar regularidades. Assim, temos que concordar com Japiassu, que às ciências humanas, falta redescobrir no homem, aquilo que não pode ser objeto da ciência, aquilo que faz dele um sujeito.

Não se trata de abordar a questão epistemológica da ciência através das lentes de um cartesianismo rasteiro, onde a ciência, regida pela razão, deve necessariamente igualar o homem a qualquer outro objeto. Num contexto onde ao acesso aos recursos necessários para se fazer ciência são tão escassos e limitados, o cientista deve ter em mente que embora as pesquisas possam discutir assuntos do mundo em que vivemos, ou nosso envolvimento nele, não é a posição individual sobre o mundo que conta, mas apenas as coisas que podem ser compartilhadas entre todos.

Resta observar que a ciência é um instrumento da razão e, como uma das ferramentas cognitivas mais avançadas disponíveis para os homens, ela consegue trazer, dentro de certos limites, objetividade aos nossos conhecimentos, tornando mais segura e viável a aplicação destes, em larga escala em nossa sociedade. Cada cientista tem sempre uma aproximação interessada do objeto de pesquisa, porém, ele não é livre para recriar a realidade vivida e experienciada e, nem para reinterpretar livremente os fatos.

Negar o papel da racionalidade humana, é no mínimo uma atitude ingênua e, até paradoxal. O Paradoxo surge de repente, na pessoa de um bebê recém-nascido sem cérebro: o corpo sem mente que insiste em mostrar-se humano. A realidade é maior que o homem! Um corpo sem mente não faz um homem. Um corpo sem mente é apenas um animal inerte, inútil.

O que faz o homem é sua capacidade original e única de empreender uma racionalidade aos fenômenos que percebe. Mas, por que então esta concepção antropomórfica e espiritualista não consegue entregar ao homem a felicidade prometida? Justamente porque ao endeusar o homem, a religião impõe ao homem um exílio do mundo e das coisas. Ao afastar-se do mundo, o homem afasta-se da verdade, da certeza, da única realidade da qual ele não pode mais escapar. Seu corpo é indissociável da realidade terrestre. Isolado do mundo é um ninguém. Como nos ensina Japiassu, deveríamos "assumir, contra o racionalismo, o fato de não podermos ser deus; e contra o relativismo, o de não podermos deixar de raciocinar" (JAPIASSU, 2000, p. 90).

Quando os relativistas não conseguem separar o que é conhecimento verdadeiro do que é conhecimento socialmente negociado, signo de significado, o que são as palavras e o que são as coisas, corre o risco de justificar os mais perigosos dogmatismos, como nos alerta Byung-Chul Han. Todos participamos de uma da mesma humanidade e cada um de nós, por mais particulares que nos julguemos, estamos sempre comprometidos com a mesma aventura comum a todos os humanos.

Além do mais, como ressalta Japiassu, o relativismo conduz inevitavelmente a um conformismo social, na medida em que promove uma tolerância insana: "você tem razão de pensar do modo como pensa; e eu tenho as minhas de pensar como penso; cada um tem o direito de pensar o que pensa, ninguém tendo o direito de ditar aos outros o que devem pensar ou fazer". Numa sociedade onde todo mundo é conformista e as leis são unanimemente aceitas, perde qualquer sentido a crítica (ou contestação) individual (JAPIASSU, 2000, p.

119), e o cenário que Han nos descreve, mostra que isto é exatamente o que hoje se observa e, por conta disto, estamos caminhando para uma sociedade cada vês mais opressora e carregada de doentes mentais. O que queremos afirmar é que certos conhecimentos, são independentes das circunstâncias, são indiferentes ao contexto, não se reduzem a nenhuma cultura empírica particular.

Precisamos estar alertas, precisamos urgentemente buscar novos caminhos para superar os desafios propostos pelos males causados pelo relativismo, sem nos esquecer que a ciência positiva tem também suas falhas, mas, efetivamente, ao contrário do relativismo, aponta caminhos, critérios, métodos e técnicas que permitem um controle social e científico para os males que ela eventualmente possa causar.

Referências

CHESTERTON, Gilbert K. Ortodoxia. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.

CROCA J.R. and Moreira, R. N. Indeterminism Versus Causalism, Grazer: Philosophische Studien, v. 56 (151), 1999. Disponível em http://cfcul.fc.ul.pt/biblioteca/online/pdf/josecroca/indeterminismcausalism.pdf. Acessado em 20 de junho de 2019.

DURKHEIM, É. Sociologia e filosofia. São Paulo, Ed. Forense, 1970.

HAN, Byung-Chul. No enxame: perspectiva do digital. Petrópolis, RJ: Vozes. 2018.

JAPIASSU, H. Nascimento e morte das ciências humanas. Rio de Janeiro, F. Alves, 2ª edição, 1982.

JAPIASSU, H. Nem Tudo é Relativo: A Questão da Verdade. São Paulo: Editora Letras& Letras, 2000.

MORAES, M. Cândida. Pensamento Eco-sistêmico: Educação, aprendizagem e cidadania no século XXI. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.